

REPENSANDO GÊNERO E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

Eni de Mesquita Samara *

Pensar em Gênero e Identidade conjuntamente significa discutir um tema complexo e que exige o seu entendimento em vários níveis de reflexão e análise. Isso se deve ao fato de estarmos elaborando as relações entre os sexos na sua perspectiva cultural com significados específicos para a América Latina o que pressupõe uma reflexão sobre a “diferença”, nas práticas cotidianas, na elaboração do discurso, no processo de socialização e na construção da identidade social de gênero.

Logo, é preciso estar atento às diferenças entre homens e mulheres, entre gênero e raça, entre gênero e classe, entre gênero e cultura, compreendendo por exemplo, que “identidade” é um conceito dinâmico e que muitas vezes o conceito de gênero é construído diferentemente nas diversas classes sociais. E é partindo desse quadro de preocupações que propomos a discussão do tema em dois grandes segmentos.

O primeiro volta-se para o discurso e a construção da identidade social de gênero, buscando entender as formas de representação cultural do nosso processo de socialização, vindo a seguir as questões mais específicas relacionadas às diferenças de gênero estabelecidas nas práticas sociais.

1 - A Construção da Identidade Social de Gênero

O debate recente sobre a mulher e a família na historiografia latino-americana, nos remete a um ponto crucial das relações entre os sexos, ou seja, o da construção social da identidade de gênero.

Após os anos 70, a bibliografia produzida sobre o assunto, desde que vista em conjunto, forneceu contribuições importantes, apesar de ainda serem raros os estudos

* Eni de Mesquita Samara é Diretora do CEDHAL - Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina e Professora-Associada do Departamento de História - FFLCH/USP.

que discutem gênero e relações de gênero no contexto da sociedade como um todo¹. Isso se deve principalmente à natureza das pesquisas desenvolvidas, que tem se preocupado mais com o específico deixando de lado as análises comparativas e ao longo do tempo. Tal fato pode ser entendido como um processo cumulativo e natural na formação de áreas novas do conhecimento carentes de metodologia e de informação.

Com a incorporação da categoria “gênero” nas análises historiográficas e a “criação do fato histórico”, a História de Mulheres ganhou historicidade². Cúmplices desse processo, historiadores e cientistas sociais em geral engendraram métodos e terminologia próprias de análise, advogando em favor das visões de conjunto e dos estudos comparativos. Não esqueceram, entretanto, de frisar que chegar ao significado histórico da participação feminina requer especial atenção quanto a sua singularidade³.

Os trabalhos referentes à América Latina, defrontaram-se com essa problemática, dada a diversidade cultural e lingüística que aqui encontramos, se considerarmos os diferentes povos que compõem essa parte do continente. Visto sob essa perspectiva, o termo “América Latina” serve, às vezes, mais para obscurecer do que para iluminar o entendimento do conjunto de países e territórios, situados entre o Rio Grande e a Terra do Fogo. A semelhança disso, rapidamente descobre-se que fica difícil traçar um perfil único de uma “mulher latino-americana” se considerarmos os fatores tempo, lugar, classe, raça, idade e estado civil entre inúmeros outros que são fundamentais quando falamos em mexicanas, brasileiras, argentinas etc.⁴

A compreensão dessa diversidade é um primeiro passo na crítica à construção dos estereótipos, o que não significa que devemos atomizar, se considerarmos que a análise histórica permite comparar e visualizar mudanças ao longo do tempo, preservando as nuances da individualidade⁵.

Ponderações desse tipo estão presentes na maior parte dos autores dedicados ao estudo da condição feminina na América Latina nos últimos anos. As contribuições mais recentes, por sua vez, avançam em questões que iniciaram há algumas décadas atrás, os estudos da mulher e da família, na discussão do feminismo, das relações de gênero e na construção social da nossa identidade como mulheres.

¹ Ver Elizabeth Anne Kusnesof, “Sexuality, Gender and the Family in Colonial Brazil”, *Luzo-Brazilian Review*, vol. 30, n.º 1, summer 1993, pp. 119-132; Eni de Mesquita Samara, “La mujer em la historiografía latinoamericana reciente”, en: Jorge Nuñez Sánchez, (ed.), *Historia de la Mujer y la Familia*, Quito, Ed. Nacional, ADHILAC, pp. 153-170.

² Ver Joan W. Scott, “Gender: a useful category of Historical Analysis”, *American Historical Review*, 91:5, Dec. 1986.

³ São inúmeros os estudos modelares que surgiram recentemente dedicados ao estudo da condição feminina e dentre eles poderíamos lembrar: Mary O’ Brien, *Reproducing the world: Essays in Feminist Theory*, Boulder, Westview Press, 1989; S. Jay Kleinberg (ed.), *Retrieving Women’s History: changing perceptions of the role of women in Politics and Society*, Oxford, Berg Publishers Limited, 1988, além do trabalho clássico de A. Louise Tilly e Joan W. Scott, *Women, work and family*, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1978.

⁴ Ver Francesca Miller, *Latin American Women and the search for Social Justice*, London, University Press of New England, 1991.

⁵ Idem.

A preocupação em criar o “fato histórico” com a inclusão das mulheres nos processos em curso, está muito presente entre os autores. A idéia da visão masculina das ciências em geral, prejudicando a compreensão do significado histórico da participação feminina, vincula-se a esse ponto e está muito clara nos estudos que aparecem entre as décadas de 60 e 70. Basta lembrar entre muitos outros, o livro de Sheila Rowbotham, **Hidden from History, rediscovering women in History from the XVIIIth century to the present** com primeira edição em 1973 que, ao tratar da opressão feminina, circunscrita ao trabalho doméstico mostra que não impediu a sua presença em inúmeras outras atividades⁶.

Nessa fase, são inúmeros escritos sobre o trabalho feminino e a “predestinação” das mulheres, como o de Caroline Bird, **Born female**⁷. Soma-se a isso, o resgate da memória, nas falas sobre o silêncio dos arquivos, os segredos dos sótãos e as salas de visitas da História. Imagens e cenários típicos da vida das mulheres no passado, alternam-se com as discussões sobre a formação dos grandes arquétipos e estereótipos. Neste ponto, os liames com a construção social da identidade de gênero ficam claros.

Por tradição dessa fase, tudo deve ser recapturado, no reencontro com as imagens fugidias, recônditas, buscadas também na literatura e nas memórias. Trabalhos como os de Ann Pescatello e Jane Jaquette foram modelares e motivadores de inúmeros outros estudos que usaram o romance como fonte histórica⁸.

Ann Pescatello preocupa-se com arquétipos e estereótipos construídos sobre a mulher latino-americana e acredita ser a literatura uma fonte que fornece os símbolos para a compreensão do real. Sua análise prende-se ao Brasil dos séculos XIX e XX e aos romances de Machado de Assis e Jorge Amado. Ali, busca encontrar os diferentes perfis de mulheres brasileiras, descritos nas obras de autores não literários como Gilberto Freyre, por exemplo, e verificar mudanças e continuidades ao longo tempo.

Na verdade, o que a maior parte dos textos analisados sugere como a grande questão sobre a mulher latino-americana é o problema da sua identidade, entendendo como essencial examinar os papéis sociais, a partir dos conflitos existentes entre imagens e realidade, ou seja, o que as mulheres pensam que são e são verdadeiramente⁹.

Um outro problema está vinculado às dificuldades encontradas pelas latino-americanas com o processo de modernização.

Imbricando nesses pontos os autores voltam-se portanto, para o processo de socialização e o papel da mulher como transmissora da cultura. É motivo de forte polêmica, desde que visto na perspectiva da introjeção de valores tradicionais por parte das mulheres, que acabam por transmiti-los aos próprios filhos e membros da família. Stevens elabora o tema a partir do “marianismo”, considerado a outra face do “machismo” na América

⁶ Sheila Rowbotham, **Hidden from History**, New York, Vintage Book, 1976.

⁷ Caroline Bird, **Born female**, New York, Pocket Books, 1969.

⁸ Ann Pescatello, “The Brazileira: images and realities in the writings of Machado and Jorge Amado” in Ann Pescatello (ed.), **Female and Male in Latin America**, University of Pittsburgh Press, 1973, pp. 29-58; Jane S. Jaquette, “Literary archetypes and female role alternatives: the woman and the novel in Latin America”, **idem**, pp. 3-29. Ver também Cornelia Butler Flora, “The passive female and social change: a cross-cultural comparison of women’s magazine fiction”, **idem**, pp. 59-87.

⁹ Ver Pescatello, **Male and Female**, op.cit., p. XI.

Latina. Apropriando-se do “machismo” na consecução dos seus próprios interesses, as mulheres latino-americanas tornaram-se beneficiárias desse mito. Essa perspectiva, sem dúvida, reelabora o discurso e retira a mulher da condição de vítima¹⁰.

A imagem de uma mulher latino-americana passiva e submissa foi um princípio indicador para a pesquisa realizada no final dos anos 60 pela cientista-política **Evelyn Stevens**, partindo do pressuposto que as mulheres latino-americanas se sentiam mais confortáveis em seus papéis que as anglo-saxãs.

Escrevendo esse texto nos inícios da década de 70, conclui também a autora que o marianismo ainda persistia na América Latina como um traço cultural, acreditando que as mulheres não usariam o seu voto em bloco para tornar o divórcio mais acessível, para abolir a discriminação sexual ou para se imporem os ônus das tarefas tradicionalmente reservadas aos homens.

Os vínculos entre o feminismo latino-americano e o tradicionalismo são próprios dessa discussão. Nesse olhar, inclui-se o livro de **Lynn Stoner**, onde o feminismo cubano é visto nos seus liames com valores tradicionais de feminilidade e rejeição a igualdade de gênero. Para **Stoner**, em Cuba os códigos da dominação masculina eram muito fortes e um dos aspectos da cultura cubana que mais afetava a vida das mulheres. Isso, sem dúvida, deveria ter sido uma grande preocupação das feministas o que não ocorreu. Na verdade, estavam mais preocupadas com as reformas sociais voltadas para o bem estar, saúde e prosperidade. No caso específico de Cuba entende-se que as mulheres “em seus respectivos papéis” eram necessárias e importantes ao progresso social¹¹.

Essa idéia associa-se a inúmeros outros contextos e discursos, analisados pelos autores preocupados com a construção da identidade social e o papel atribuído às mulheres nas sociedades em geral. A questão da “natureza feminina”, resgatada a partir do fator biológico, a aceitação da maternidade e os diferentes papéis impostos aos sexos no processo de socialização foram reelaborados em várias perspectivas a partir da produção feminista dos anos 60¹².

Em bloco as estudiosas da condição feminina nesse período, preocuparam-se com o processo de socialização que via sempre a mulher em relação ao homem. Caroline Bird no capítulo 7 do seu livro, onde analisa o “Masculinismo” cita logo a principio um trecho de Rousseau em *Emile*: “the whole education of women ought to be relative to men, to please them, to educate them when young, to care for them when grown, to counsel them, and to make life sweet and agreeable to them”.

¹⁰ Evelyn Stevens, “Marianismo: the other face of *machismo* in Latin America”, in: Ann Pescatello, op. cit., pp. 89-103.

¹¹ Lynn Stone, **From the House to the Streets, the Cuban Woman’s Movement for Legal Reform, 1898-1940**, Durham, Duke University Press, 1991.

¹² Ann Oakley, **Women’s work, the housewife, past and present**, New York, Vintage Books, 1974. Betty Friedan, op. cit.; Elizabeth Badinter, **Um amor conquistado, o mito do amor materno**, tradução de Waltensir Dutra, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985⁴; Elizabeth Badinter, **L’un est l’autre**, Editions Odile Jacob, 1986; Helen B. Andelin, **Fascinating Womanhood**, Santa Barbara, Pacific Press, 1975; Elsa M. Chaney, **Supermadre. La mujer dentro de la política en América Latina**, México, Fondo de Cultura Económica, 1983; Vivian Gornick e Barbara K. Moran (eds.), op. cit.; Caroline Bird, op. cit., apenas para citar alguns dos inúmeros trabalhos que existem nessa linha de preocupações.

Para os “masculinistas” acreditar que o lugar da mulher é na casa, e que o seu papel e aptidão para o trabalho derivam da sua anatomia era, e talvez ainda seja fundamental. Mas e as mulheres, o que pensam da cultura da opressão?

Assim, espaços e papéis prescritos por Códigos de Leis e práticas reguladoras de comportamentos foram exaustivamente analisados pelos autores dedicados ao estudo da condição feminina no passado¹³. Extremamente sensíveis a esse respeito são os estudos sobre o cotidiano da vida das mulheres e a recuperação dos papéis informais. O conjunto dessa produção evidenciou as distâncias entre a norma e a prática social, estabelecendo as diferenças de comportamentos e estratégias entre as mulheres em função de classe e raça. Isso gerou o contraponto, rompendo com a visão estereotipada sobre a condição feminina no passado, mostrando que nem sempre as mulheres se adequaram aos papéis prescritos na norma¹⁴.

Revedo essa questão, estudiosos nos anos 70 e 80, no caso específico do Brasil percebem com clareza que entre os próprios cientistas sociais, existe a tendência a definir em termos funcionalistas, o domínio do feminino como o reverso da cultura masculina, o que, sem dúvida, dificulta o entendimento da individualidade feminina como personagens históricas.

Por outro lado, mesmo nos trabalhos que procuram analisar o domínio do feminino, persiste o interesse pelo simbólico e pelas alegorias da “condição feminina” ou os estudos dos mitos, que pertencem ao campo da erudição, das tradições do literário e se alimentam uns aos outros num círculo vicioso que não se rompe. Falta a vinculação a um contexto histórico específico, passo importante para sair do ideológico e mostrar as mulheres como seres sociais que integram sistemas de poder, redes de dominação e laços de vizinhança. O que o processo histórico revela, modifica o domínio dos mitos e das normas culturais. Desvenda, assim, os espaços femininos conquistados e não prescritos¹⁵.

Silva Dias chama esses papéis de informais, mostrando que no sistema colonial brasileiro são pouco valorizados mas importantes no processo concreto da vida quotidiana, por estarem ligados ao consumo e à distribuição dos gêneros alimentícios.

Ao definir essas distinções entre a norma e a prática, essas análises avançaram na discussão sobre a singularidade da inserção das mulheres nos processos históricos em curso, entendendo que o fato de não participarem da História Política e Administrativa não diminuiu a importância do papel que desempenharam a exemplo dos outros segmentos sociais marginalizados.

A participação política das mulheres assim como os espaços femininos têm sido amplamente discutidos em textos modelares de Michelle Perrot¹⁶. Especificamente no

¹³ São inúmeros os trabalhos com relação a diferentes países e momentos da nossa História.

¹⁴ Com relação ao Brasil ver entre outros Maria Odila Silva Dias, **Quotidiano e Poder**, São Paulo, Brasiliense, 1984; A. J. R. Russell-Wood, “Women and Society in Colonial Brazil”, **Journal of Latin American Studies**, nº 9; Elizabeth Anne Kuznesof, **Household economy and urban development, São Paulo 1765-1836**, Boulder, Westview Press, 1986; e Eni de Mesquita Samara, **As Mulheres, o Poder e a Família**, São Paulo, Marco Zero, 1989.

¹⁵ Maria Odila Silva Dias, op. cit., pgs. 28 e 29.

¹⁶ Michele Perrot, **Os Excluídos da História**, São Paulo, Paz e Terra, 1988.

caso da América Latina foi objeto de duas coletâneas primorosas publicadas na década de 70 por Ann Pescatello, **Male and Female in Latin America** e Asunción Lavrin, **Latin American Women**¹⁷. Ainda no final dos anos 70, Elsa Chaney enfrenta a questão em **Supermadre. Women in Politics in Latin America**. Chaney, Professora-associada de Ciências Políticas da Fordham University inicia o seu livro examinando os porquês da ausência feminina dos meios de decisão, não só na América Latina mas no mundo em geral, concluindo que a maternidade teve muita influência na natureza das suas atividades políticas¹⁸.

Essa afirmativa é verdadeira, se pensarmos nos trabalhos que tratam mais especificamente da questão dos direitos da mulher e acesso à cidadania. Nesse longo percurso de lutas e conquistas das mulheres latino-americanas, as pesquisadoras preocuparam-se com as diferentes versões do feminismo na América Latina e as percepções das próprias mulheres a esse respeito. Hahner, volta-se também para a visão masculina do feminino, concentrando-se no caso do Brasil. A maternidade, por sua vez, é vista na perspectiva dos seus elos com progresso e patriotismo¹⁹.

As abordagens deixam claro, além disso, que na luta pela conquista de direitos e acesso à cidadania plena, através do sufrágio, as mulheres tiveram que atrelar as suas causas a questões sociais mais amplas. Sendo assim, articularam-se com líderes e partidos políticos que na verdade não eram sensíveis as suas causas ou não tinham interesses similares:

Além da problemática da diversidade cultural, os autores defrontam-se com as variáveis raça e classe no entendimento do feminismo. Nesse bojo, é vista a questão da educação feminina e do maior acesso às idéias feministas entre as mulheres “educadas” e pertencentes às camadas sociais mais altas. Miller, ponderando sobre o assunto considera, no entanto, que as normalistas formaram na América Latina, um dos primeiros grupos articulados e aptos a realizar uma crítica social. E provinham dos setores médios da sociedade²⁰.

Raça e classe, também estão presentes nos estudos dedicados à família. A importância desses trabalhos para a análise da condição feminina no passado é fundamental, pois foram pioneiros na pesquisa sobre o papel da mulher na família e na sociedade. Coletando extensa bibliografia e fontes documentais, levantaram questões vitais no processo recente de revisão da história brasileira. Assim, pôde ser reelaborado a partir de uma perspectiva regional, temporal e de classe o modelo patriarcal de família brasileira,

¹⁷ Ann Pescatello, op. cit., e Asunción Lavrin (ed.), **Latin American Women**, Westport e Greenwood Press, 1978.

¹⁸ Elsa Chaney, op. cit.

¹⁹ June Hahner, **Emancipating the Female Sex, the struggle for Women's Rights in Brazil, 1850-1940**. Durkam, Duke University Press, 1990. Ver também Eni de Mesquita Samara, “Feminism, social justice and citizenship in Latin America”, **Journal of Women's History**, vol. 6, nº 2, Summer, pp. 135-143.

²⁰ Miller, op. cit., p. 71.

considerado como único e válido exemplo para a sociedade como um todo²¹. Como resultado dessas diferenças, mulheres atuantes, chefes de domicílios e de negócios emergiram como contraponto à mulher branca de elite, ociosa e deitada na rede a gritar com seus escravos. A sexualidade feminina, foi vista sob o prisma das proles ilegítimas e das uniões esporádicas e costumeiras, que iam ao sabor dos acontecimentos ao contrário dos casamentos que representavam mais interesses familiares do que aspirações pessoais.

As uniões mistas e a formação de famílias de escravos e libertos foram pontos importantes e acrescentaram inúmeras questões novas nos estudos recentes sobre o escravismo. Além disso, trataram de entender as formas de acumular riqueza e de transmitir o patrimônio. Com o dote foi possível verificar que, muitas vezes, as filhas foram privilegiadas no recebimento da herança familiar em detrimento dos filhos que aguardavam as respectivas legítimas na divisão do monte²².

Esse é, em síntese, o núcleo de preocupações que orientaram até hoje, a discussão da condição feminina na América Latina que procuramos nuançar, a partir de várias tendências e vertentes, que hoje vistas já a uma certa distância, enriquecem e permitem avançar pontos fundamentais na História das Mulheres Latino-americanas. Trabalhando com a questão da diferença e entendendo o processo da construção da identidade como algo dinâmico permitem elaborar melhor as questões culturais que incidem nas relações entre os sexos como veremos a seguir.

2 - Marianismo, Machismo e Relações de Gênero

Para o feminismo, em meados dos anos 70, a publicação de **“Woman’s work, the housewife, past and present”**, da autoria de Ann Oakley, tem um significado especial, por explicitar categorias chaves relativas aos valores que vinculavam o homem ao trabalho e a mulher a casa. Assim, o termo “dona de casa”, nesse livro é entendido não mais como sinônimo de esposa ou mãe mas sim do trabalho doméstico não pago²³.

Ainda na mesma década, Joan Scott e Louise Tilly, publicaram o estudo clássico e modelar sobre o trabalho feminino, **“Women, work and Family”**, que preocupou-se em reexaminar um velho problema a partir de novas perspectivas, ou seja, o impacto da industrialização no trabalho feminino na Inglaterra e na França entre 1700 e 1950. Ao definir a categoria trabalho, o doméstico é considerado como “atividade produtiva diária para o uso da casa ou para troca” e entendido nos seus significados e mudanças ao longo do tempo e por regiões²⁴.

²¹ Ver a respeito do modelo patriarcal Marisa Correa, “Repensando a Família Patriarcal”, in **Colcha de Retalhos**, São Paulo, Brasiliense, 1982, pp. 13-38 e Eni de Mesquita Samara, **A família brasileira**, São Paulo, Brasiliense, 1994⁴.

²² Ver a respeito Muriel Nazzari, **Disappearance of the Dowry**, Stanford, Stanford University Press, 1991.

²³ Ann Oakley, **Woman’s work**, op. cit.

²⁴ Louise Tilly e Joan Scott, **Women, work and Family**, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1978.

Ao seguir por essa vertente, a produção dos anos 80 é especialmente rica sobre a discussão do assunto, resultando em inúmeros estudos. Retomando ainda a questão da opressão enquanto esposas e mães, Glenna Matthews, escreveu "**Just a housewife, the rise and fall of domesticity in America**", justificando a preferência pelo assunto dada a disseminação das idéias feministas e a sua própria experiência de educação tardia fruto de uma vida voltada ao lar. Segundo a autora o termo "dona de casa", tem uma longa e honrosa história, mesmo se considerarmos que essas mulheres não tiveram participação total na sociedade. O culto da domesticidade, explorado por Matthews, procura mostrar também que ao lado do mundo do trabalho masculino, durante o século XIX o lar era respeitado e considerado²⁵.

Nos textos sobre o trabalho feminino, a categoria gênero aparece na realidade na década de 80, preocupados com a divisão sexual do trabalho e a questão da injustiça. Em "**Men's work, women's work, a sociological history of the sexual division of labour and employment**", Harriet Bradley dedica-se com afinco a análise da segregação das mulheres a determinados tipos de ocupações. No capítulo, "**The origins and maintenance of segregation and sex-typing**", o eixo da discussão reside nas famílias patriarcais das sociedades pré-industriais e na subordinação do trabalho feminino ao masculino. Para Bradley, o capitalismo industrial trouxe muitas mudanças na família mas não terminou com os laços patriarcais, o que atrelou ainda no século XIX, o trabalho feminino às necessidades da família e da sociedade. Mudanças que ocorreram ao final do século passado e os ataques ao sistema patriarcal vão romper barreiras, mas na sua opinião, até hoje as próprias famílias continuam transmitindo as desigualdades no que concerne aos sexos:

"Isso continua a ser uma 'força' ainda hoje, direcionando meninos e meninas para as carreiras 'apropriadas'", especialmente na adolescência, quando a identidade sexual aparece de forma frágil. Verdadeiras culturas da divisão sexual do trabalho, então continuam o processo, ajudando a perpetuar noções de identidades sexuais distintas, processo muito bem documentado por Cokburn ao dizer: "O que é um homem e o que é uma mulher, o que é certo e próprio, o que é possível e impossível, o que pode ser esperado e o que deve ser temido. A ideologia hegemônica do masculino, envolve uma definição de homem e mulher, na diferença, no contraste, no complementar e no desigual. Isso é poderoso e deforma ambos, homens e mulheres"²⁶.

Além da criação do "fato histórico", a inclusão da categoria gênero nas análises históricas, levou a inúmeras discussões sobre conceitos próprios a homens e mulheres em diferentes sociedades ao longo do tempo.

Para Joan Scott, "as feministas começaram a utilizar a palavra "gênero" mais seriamente num sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos...", indicando uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". Ressalta ainda que "aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção dos estudos femininos se centrava

²⁵ Glenna Matthews, "**Just a housewife**", New York, Oxford University Press, 1987.

²⁶ Harriet Bradley, **Men's work, women's work**, Minneapolis, The University of Minnesota Press, 1989, p. 229.

sobre as mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário de análise. Segundo essa opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles podia ser alcançada por um estudo separado”²⁷.

No caso específico da América Latina, o debate teórico começa a aparecer na literatura da década de 80, embora ainda se reconheça que a questão em torno do patriarcado e do poder masculino como causa da subordinação das mulheres, não tenha sido a preocupação central dos autores. Preveleceu sim, a análise estrutural com enfoques inspirados no marxismo, assentados na reprodução da divisão sexual do trabalho, para explicar a casa como o espaço tradicionalmente reservado às mulheres. Desigualdades e preconceitos dessa natureza, foram entendidos como determinados pelo sistema político e econômico, gerando, portanto, muita polêmica²⁸.

Há que se contar também com o debate sobre o machismo que além das diferenças biológicas, envolve atitudes e comportamentos. Elsa M. Chaney em “**Super-madre. Women in politics in Latin America**”, publicado em 1979, mostra que a situação da mulher latino-americana tem muitas facetas. Um exemplo é a posição de esposa legítima que é honrosa, e o lar considerado sagrado. Os homens, por sua vez, foram ensinados a olhar as suas mães e esposas como “outras Marias” e as mulheres curiosamente procuram explorar o que Evelyn Stevens, chamou de marianismo²⁹. Jane Jaquette, também sugere pelo interesse das latino-americanas na manutenção do *status-quo*, pois o machismo e as diferenças tradicionais entre os sexos, são funcionais para ambos. A imoralidade masculina, diz a autora é básica para a legitimação da influência feminina³⁰. Gerando controvérsias essas afirmações servem, no entanto, para mostrar a complexidade da vida das mulheres e as especificidades quanto a sua situação na América Latina, onde se associam marianismo e machismo ao culto da maternidade.

Para as feministas mais radicais, o espaço doméstico é o local por excelência onde se instala a “cultura da opressão feminina”³¹. E disso, não escapam também a vida em família e a interferência da comunidade. Ao que tudo indica, no caso das norte-americanas o “odioso” papel de dona de casa e o culto da feminilidade estão associados e presentes nas maneiras pelas quais as mulheres julgavam a si mesmas e eram julgadas pelos maridos, vizinhos e pela sociedade. Piedade, pureza, submissão e domesticidade eram as virtudes máximas a serem verificadas e se traduziam em mãe, filha, irmã e esposa.

²⁷ Joan Scott, “**Gênero, uma categoria útil de análise histórica**” tradução, mimeo, p. 5.

²⁸ Loía G. Luna, e Norma Villarreal, **História, Gênero y Política**, Barcelona, CICYT, 1994, p. 35 em diante.

²⁹ Elsa M. Chaney, **Supermadre**, op. cit.; Evelyn Stevens, “Marianismo: the other face of machismo in Latin America”, in Ann Pescatello (ed.), op. cit.

³⁰ Jane Jaquette, “Literary Archetypes and Female Role Alternatives: the Woman and the novel in Latin America”, in Ann Pescatello (ed.) **Female and Male in Latin America**, Pittsburgh, the University of Pittsburgh Press, 1973, pp. 3-28.

³¹ Sobre isso ver Ann Oakley, op. cit., Glenna Matthews, op. cit., e Michele Mattelart, **La Cultura de la opresión femenina**, México, Ediciones Era, 1977.

Em “*Mothers and Such, views of American women and why they changed*”, Maxime L. Morgolis, mostra como por volta de 1830, a maternidade foi transformada em uma missão, no cuidado com as crianças, suas vidas e o seu futuro. Isso aparece nas novelas populares, poemas, e biografias de homens famosos. Para as mulheres da classe média ensinaram que tinham em suas mãos o poder de produzir o melhor ou a miséria, dependendo da sua própria “performance” nos deveres de esposa e mãe. Colocando a mulher em um pedestal, esses sentimentos também eram ressaltados na literatura burguesa que ao referir-se as características femininas, dizia serem as mulheres “innately nurturant, domestic, and selfless, all qualities that made them “naturals” and child rearing”³².

No entanto, apesar dos inúmeros discursos e das tradições que vinculavam a personalidade feminina ao lar, muitas mulheres invadiram o espaço público nas colônias estabelecidas no ultramar. Chefiando famílias e trabalhando para a própria sobrevivência desafiaram com a sua presença, mitos e estereótipos construídos a partir da “cultura da opressão”, onde a família patriarcal era a unidade básica de controle, desde os tempos coloniais³³.

Diante desse quadro de preocupações levantado a partir das questões apontadas pela bibliografia já é possível chegar a algumas considerações preliminares sobre a condição feminina e as relações entre os sexos no conjunto da América Latina.

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que apesar das tradições culturais comuns é impossível traçar um perfil único para a mulher latino-americana. Sendo assim, é necessário, nas pesquisas sobre gênero, estar atento às “diferenças”, tendo, também, sensibilidade para entender as semelhanças.

Um exemplo disso é o próprio feminismo latino-americano que difere do norte-americano e está atrelado aos conceitos de feminilidade e maternidade. Além disso, é preciso entender as condições históricas em que deu-se esse movimento na América Latina, o que gera o contraponto e a diferença.

Há que se ter bem claro também, que o conceito de gênero, bem como o de identidade, está na dependência das variáveis *raça* e *classe*, o que aparece na análise das “vozes feministas”, a partir da sua procedência e entendidas para a América Latina, como indivíduos e não como representantes de grupos.

Finalmente, é importante ressaltar a necessidade de realizarmos estudos comparativos que vão nuançar as diferenças, mas, ao mesmo tempo, realçar e permitir o entendimento dos pontos em comum, das nossas identidades tão importantes para nós pesquisadores homens e mulheres olharmos o nosso presente e refletirmos sobre o nosso passado.

São Paulo, março 2000

³² Maxime L. Morgolis, *Mothers and Such*, Berkeley, University of California Press, 1984, p. 33.

³³ Ver Elsa M. Chaney, e Mary Castro (eds.) *Muchachas no more*, Philadelphia, Temple University Press, 1989.

Bibliografia utilizada

- Andelin, Helen B.
1975 **Fascinating Womanhood**, Santa Barbara, Pacific Press.
- Badinter, Elizabeth
1986 **L'un est l'autre**, Editions Odile Jacob.
- 1985 **Um amor conquistado, o mito do amor materno**, tradução de Waltensir Dutra, 4ª ed, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Bird, Caroline
1974 **Born Female, the high cost of keeping women down**, 4th ed., New York, David McKay.
- Bradley, Harriet
1989 **Men's work, women's work**, Minneapolis, The University of Minnesota Press.
- Chaney, Elsa M.
1983 **Supermadre, La mujer dentro de la política en América Latina**, México, Fondo de Cultura Económica.
- Chaney, Elsa M. e Mary Castro (eds.)
1989 **Muchachas no more**, Philadelphia, Temple University Press.
- Correa, Marisa
1982 "Repensando a Família Patriarcal", in **Colcha de Retalhos**, São Paulo, Brasiliense.
- Flora, Cornelia Butler
1973 "The passive female and social change: a cross-cultural comparison of women's magazine fiction", in Ann Pescatello (ed.), **Female and Male in Latin America**, University of Pittsburgh Press.
- Friedman, Betty,
1974 **The feminine mystique**, 10th ed., New York, Dell Publishing.
- Gornick, Vivian e Barbara K. Moran (eds)
1971 **Woman in sexist society, studies in power and powerlessness**, New York, Basic Books.
- Hahner, June
1990 **Emancipating the Female Sex, the struggle for Women's Rights in Brazil, 1850-1940**. Durham, Duke University Press.
- Jaquette, Jane
1973 "Literary Archetypes and Female Role Alternatives: the Woman and the novel in Latin America", in Ann Pescatello (ed.) **Female and Male in Latin America**, Pittsburgh, The University of Pittsburgh Press.

- Kleinberg, S. Jay, ed.
 1988 **Retrieving Women's History: changing perceptions of the role of women in Politics and Society**, Oxford, Berg Publishers Limited.
- Kuznesof, Elizabeth Anne
 1986 **Household economy and urban development, São Paulo 1765-1836**, Boulder, Westview Press.
- 1993 "Sexuality, Gender and the Family in Colonial Brazil", **Luzo-Brazilian Review**, vol. 30, nº 1, summer.
- Laurin, Asunción (ed.)
 1978 **Latin American Women**, Westport, Green-Wood Press.
- Luna, Lola G. e Norma Villarreal
 1994 **História, Genero y Política**, Barcelona, CICYT.
- Mattelart, Michele
 1977 **La Cultura de la opresión femenina**, México, Ediciones Era.
- Matthews, Glenna
 1987 **"Just a housewife"**, New York, Oxford University Press.
- Miller, Francesca
 1991 **Latin American Women and the search for Social Justice**, London, University Press of New England.
- Morgolis, Maxime L.
 1984 **Mothers and Such**, Berkeley, University of California Press.
- Nazzari, Muriel
 1991 **Disappearance of the Dowry**, Stanford, Stanford University Press.
- O' Brien, Mary
 1989 **Reproducing the world: Essays in Feminist Theory**, Boulder, Westview Press.
- Oakley, Ann
 1974 **Women's work, the housewife, past and present**, New York, Vintage Books.
- Perrot, Michele
 1988 **Os Excluídos da História**, São Paulo, Paz e Terra.
- Pescatello, Ann
 1973 "The Brazileira: images and realities in the writings of Machado and Jorge Amado" in Pescatello, Ann, ed., **Female and Male in Latin America**, University of Pittsburgh Press.

- Rowbotham, Sheila
1976 **Hidden from History**, New York, Vintage Book.
- Russell-Wood, A. J. R.
1977 "Women and Society in Colonial Brazil", **Journal of Latin American Studies** 9, 1, may.
- Samara, Eni de Mesquita
1994 "Feminism, social justice and citizenship in Latin America", **Journal of Women's History**, vol. 6, nº 2, Summer, 1994.
1994 **A família brasileira**, 4ª ed., São Paulo, Brasiliense.
1991 "La mujer en la historiografía latinoamericana reciente", in: Sanchez, Jorge Nuñez Ed., **Historia de la Mujer y la Familia**, Quito, Ed. Nacional, ADHILAC.
1989 **As Mulheres, o Poder e a Família**, São Paulo, Marco Zero.
- Scott, Joan W.
1986 "Gender: a useful category of Historical Analysis", **American Historical Review**, 91:5, Dec.
s/f "Gênero, uma categoria útil de análise histórica" tradução, mimeo.
- Silva Dias, Maria Odila da
1984 **Quotidiano e Poder**, São Paulo, Brasiliense.
- Stevens, Evelyynn
1973 "Marianismo: the other face of machismo in Latin America", in Pescatello, Ann ed., **Female and Male in Latin America**, Pittsburgh, the University of Pittsburgh Press.
- Stone, Lynn
1991 **From the House to the Streets, the Cuban Woman's Movement for Legal Reform, 1898-1940**, Durham, Duke University Press, 1991.
- Tilly, A. Louise e Joan W. Scott
1978 **Women, work and family**, New York, Holt, Rinehart and Winston.